

EDULETTERS

O ChatGPT na educação: ensaios de práticas (no contexto da disciplina de Filosofia)

Alexandra Carneiro, Joana Dias¹

O tempo passou veloz desde dezembro de 2022, com o lançamento do ChatGPT até à utilização corrente de diretórios relativos a ferramentas de Inteligência artificial, iLib (<https://www.ilib.com/>) ou Futurepedia (<https://www.futurepedia.io/>). O número de artigos e publicações sobre o que aplicações como ChatGPT (ou outros serviços semelhantes) pode significar para a educação e outras áreas profissionais, e o seu uso com os alunos e em contextos de ensino-aprendizagem colocou a inteligência artificial no centro das nossas conversas docentes. Muitos alarmes e preocupações emergiram, alertando para as deficiências da ferramenta e da informação por ela agregada e para os riscos para a educação escolar.

O que fizemos?

No contexto do trabalho colaborativo no grupo disciplinar de Filosofia, partilhamos várias publicações sobre este tema, ligadas às nossas preocupações com as aprendizagens na disciplina e a promoção da formação das competências com alunos do ensino secundário. O ChatGPT, de uso gratuito ao público, responde a perguntas produzindo textos bem estruturados, em português, sobre diversos tópicos – nessas sessões de trabalho, experimentamos colocar questões ligadas à disciplina, como por exemplo, “O que é o belo?”

¹ e restantes membros do grupo disciplinar 410 da E.S. Rocha Peixoto.

ou “Deus existe?”. Para estas questões recebemos respostas genéricas, superficiais, remetendo para áreas do conhecimento como a filosofia da religião e da arte. A questões formuladas de modo pessoal, como por exemplo “Acreditas na existência de Deus?”, o programa está preparado para responder de uma forma delicada: “Como modelo de linguagem, eu não sou capaz de ter crenças, opiniões ou sentimentos, já que sou uma inteligência artificial. A minha função é processar informações e fornecer respostas baseadas em dados e conhecimentos previamente estabelecidos.” E quanto à questão sobre “Qual é o sentido da tua existência?”, o programa apressa-se a esclarecer “Como modelo de linguagem, o meu objetivo é ajudar as pessoas a obter informações e respostas para as suas perguntas. A minha existência baseia-se em processar informações e gerar respostas precisas e úteis para os utilizadores que interagem comigo. Através de conversas, espero poder ajudar as pessoas a entender melhor o mundo ao seu redor e encontrar soluções para as suas dúvidas e problemas. Em resumo, o sentido da minha existência é ser útil e ajudar a promover o acesso à informação e ao conhecimento.”

Experimentamos questões mais dirigidas, como por exemplo “Qual é o pensamento de Popper sobre o problema da indução?” ou “Qual é a relação entre os conceitos de livre-arbítrio e de responsabilidade moral?”, e continuamos a obter textos organizados, bem estruturados... mas bastante superficiais e contendo alguns erros. Pensamos em questões mais desafiantes: “Conheces músicas portuguesas cujo tema é o livre arbítrio?”, a lista rapidamente aparece mas... eis que a autoria das músicas é atribuída a músicos errados.

O ChatGPT está a chegar às nossas salas de aula? Já está aqui.

Esta experiência levou-nos a refletir sobre as preocupações que pudemos ver relatadas nos artigos e notícias partilhados anteriormente. Percebemos que, efetivamente, cada texto que o ChatGPT produz é único; mesmo quando questionado sobre o mesmo tópico, o programa acrescenta informações novas em respostas subsequentes. Isto significa que pode ser (praticamente) impossível de detetar a sua autoria - o que coloca desafios à forma como

avaliamos e testamos os nossos alunos. Uma vez que rejeitar ou proibir a entrada destas aplicações no quotidiano das nossas aulas é impossível, consideramos formas de aprender a usá-las, usando-as com os nossos alunos.

a) Experiência no instrumento de avaliação “debate”

A investigação é um dos usos recomendados para a integração do ChatGPT em situações de aprendizagem, para apoiar e agilizar o processo de pesquisa. Os alunos, organizados em equipas, já tinham uma pergunta para responder sob um determinado ponto de vista a defender, pelo que propusemos a preparação para o debate questionando o aplicativo, e recolhendo informações gerais. Vejamos este exemplo relativo ao problema do livre-arbítrio em que se aborda o confronto entre perspectiva libertista (defesa da existência de livre arbítrio) e perspectiva determinista (o livre arbítrio não existe): “O livre-arbítrio é uma terceira opção para além do acaso e da necessidade?”. Os alunos apresentam, geralmente, a mesma dificuldade: como começar? A sugestão que demos aos alunos foi que acrescentassem à formulação da pergunta a perspectiva que lhe cabia defender, ou seja: “Na perspectiva determinista (ou: na perspectiva libertista), o livre arbítrio é uma terceira opção para além do acaso e da necessidade?” A primeira expectativa dos alunos era a obtenção de respostas perfeitas, completas. O nosso trabalho como professores foi lançar perguntas às respostas que iam obtendo; alguns alunos começaram, de forma quase imediata, a colocar autonomamente essas perguntas e a abrir novos caminhos de pesquisa, selecionando tópicos mais frágeis ou de interesse para consolidar a posição que estavam encarregues de defender – relacionando com conteúdos abordados e discutidos em aulas anteriores. Noutros grupos, foi necessário mais apoio do professor, uma ação mais intencional com pistas e sugestões, até que o caminho começasse a emergir no diálogo entre os elementos do grupo. A dinâmica de questionamento tornou-se mais ágil, com os alunos a solicitarem menos o professor pelas respostas, mas a questionarem para avaliar as suas próprias perguntas ou a colocarem dúvidas mais complexas relativas à argumentação que estavam a organizar.

b) Experiência relativa à lecionação

O ChatGPT foi utilizado como forma de introduzir o problema da definição da obra de arte. Inicialmente os alunos foram confrontados com a questão “O que é a arte?”. Como expectável, a primeira reação foi de apreensão, mas depois foram surgindo as tentativas de resposta, a discórdia que abria a uma outra perspetiva, o acordo em determinados pontos, o desacordo, noutros. Foi neste ponto, consciencializados os alunos de que a resposta não se apresentava nem fácil nem unânime, que desafiamos a questionar a aplicação. A primeira resposta impressionou: um texto bem escrito e bem estruturado que parecia suficientemente abrangente para satisfazer e acalmar a inquietação provocada. Mas seria mesmo assim? Será que um texto gerado em alguns segundos poderia resolver o problema? Talvez sem a mediação do professor, o assunto teria sido encerrado; mas, convidados a pensar um pouco mais, logo surgiram alguns problemas. Por exemplo, na definição apresentada, a aplicação referia que “A arte é uma forma de comunicação que permite aos artistas expressarem as suas ideias, sentimentos e visões de mundo, e também possibilita aos espectadores a oportunidade de refletir, se emocionar e até mesmo se inspirar com as obras.” Ora, mas será que a arte é sempre uma forma de comunicação? Será que o artista pretende sempre expressar “as suas ideias, sentimentos e visões de mundo”? Perante estas questões, a resposta já surge como “geralmente a arte é uma forma de comunicação” e “embora muitas vezes se acredite que o objetivo principal do artista seja expressar as suas ideias, sentimentos e visões de mundo, nem sempre é o caso”, ou seja, parece que ao contrário do que a primeira resposta parecia sugerir, estas já não são condições suficientes para definir a obra de arte. Depressa verificamos que aquilo que inicialmente foi dado como taxativo, afinal não o era: afirmações categóricas foram substituídas por “geralmente”, “a maioria das vezes”, “muitas vezes se acredita”. Inclusivamente, com o esmiuçar das questões, algumas contradições foram encontradas, o que até provocou riso na sala de aula.

O objetivo deste exercício foi precisamente demonstrar que, com a sua aparente correção e completude, o ChatGPT fornece uma resposta que assume pretensões de ser a definitiva. Contudo, o que ali encontramos é apenas uma visão possível que de forma alguma encerra o problema. O questionamento não se esgota, nem tão pouco a multiplicidade de visões da realidade. Não se trata de desvalorizar este instrumento, mas sim de fazer notar que, como qualquer outro instrumento, é o uso que fazemos dele que o pode tornar útil e prolífero, ou, quando mal usado, uma fonte de enganos e de condicionamento do pensamento. Não nos parece plausível acreditar que a inteligência artificial possa ser ignorada no contexto de ensino/aprendizagem, pelo que o importante é ensinar a utilizar as ferramentas que vão surgindo, mostrando as suas vantagens, mas consciencializando para as suas limitações.

O que nós, professores, aprendemos?

O ChatGPT é mais uma ferramenta ao nosso dispor para envolver os alunos de forma eficaz na sua aprendizagem; mas também é útil para gerar atividades que se alinhem com objetivos de aprendizagem específicos, criando e selecionando materiais como textos ou questões (ainda só exploramos o Chat GPT com criação de texto e não com criação de imagem!) ou outros recursos adaptados às necessidades dos alunos. O ChatGPT é capaz de encontrar questões formuladas sobre o mesmo tópico, mas de tipologia diversa assim como com graus de dificuldade diferentes.

Sobretudo aprendemos que o professor não é dispensável, pois é preciso identificar os problemas de precisão e fiabilidade, já que podem aparecer (e aparecem!) informações imprecisas ou incompletas, para as quais devemos sentir-nos desafiados (e não intimidados). Também devemos ter em conta que o ChatGPT, como agregador e organizador de conteúdos, pode ser um veículo para enviesamentos já presentes na fonte de informação original, o que pode resultar em conteúdo tendencioso, omissivo ou não representativo que pode afetar negativamente o ensino e a aprendizagem (Heaven, 2023). E, além disso, apesar de igualar os humanos em vários indicadores profissionais e académicos, estes programas

são menos capazes em muitos cenários do mundo real (Kelly, 2023). Ou seja, o “ChatGPT demonstra lindamente como conhecer e pensar não são a mesma coisa”, relembra Duckworth (2023). Mas pode criar uma ilusão de clarividência a quem o usa, diminuindo a capacidade de pensamento original e crítico – e daí, novamente, a importância do papel do professor.

O que se segue?

No dia 11 de Abril de 2023, a edição do jornal *i* foi produzida pela OpenAI ChatGPT com (pouca) intervenção humana. Quem teve a oportunidade de ler o jornal verificou facilmente que o conteúdo dos textos era superficial ou omissivo, com imprecisões e erros grosseiros relativamente aos factos. Esta constatação parece corresponder ao que Chomsky et al. (2023) referem quanto às falhas destes programas: “estão presos numa fase pré-humana ou não humana da evolução cognitiva” E por isso, “A sua falha mais profunda é a ausência da capacidade mais crítica de qualquer inteligência (...)”. Ou seja, é a sua incapacidade de ser humano.

Referências

Chomsky, N., Roberts, I., & Watumull, J. 2023. The False Promise of ChatGPT. 9th March, The New York Times. [The False Promise of ChatGPT - Revista de Prensa \(almendron.com\)](https://www.nytimes.com/2023/03/09/technology/chatgpt-false-promise.html)

Duckworth, A. 2023. Op-Ed: Don't ban chatbots in classrooms — use them to change how we teach. 19th January, Los Angeles Times. <https://www.latimes.com/opinion/story/2023-01-19/chatgpt-ai-education-testing-teaching-changes>

Heaven, W.D. 2023. ChatGPT is going to change education, not destroy it. 6th April, MIT Technology Review. <https://www.technologyreview.com/2023/04/06/1071059/chatgpt-change-not-destroy-education-openai/>

Kelly, S. M. 2023. A tecnologia por detrás do ChatGPT está prestes a tornar-se ainda mais poderosa. 17 Março, CNN Portugal. <https://cnnportugal.iol.pt/chatgpt/inteligencia-artificial/a-tecnologia-por-detras-do-chatgpt-esta-prestes-a-tornar-se-ainda-mais-poderosa/20230317/64127116d34ef47b87532c23>